

UM ENSAIO SOBRE A 'ESCATATÓRIA AUTOPOIÉTICA' NA POTENCIAL RELAÇÃO ENTRE SONORIDADES E ECOSSISTEMAS TURÍSTICOS

Ensayo sobre la "Escucha Autopoiética" en la posible relación entre los
sonidos y los Ecosistemas Turísticos

Leonardo Reichert¹ & Maria Luiza Cardinale Baptista²

RESUMO

O presente ensaio propõe ampliar a escuta sobre o turismo, incorporando a dimensão sonora às análises das experiências turísticas. Parte-se do entendimento de que as sonoridades, em suas múltiplas manifestações, podem ser compreendidas como elementos potenciais na formação de uma experiência turística geradora de vida, pois ativam memórias, produzem afetivação, pertencimento e sentido, traduzem ambientes e provocam deslocamentos subjetivos. Ao nos desterritorializarmos, ouvimos os lugares tanto quanto os vemos – ainda que, com certa frequência, de forma inconsciente. É justamente nesse horizonte que este ensaio se inscreve: como uma reflexão sobre a escuta enquanto prática sensível, estética, política e afetiva, considerando seu caráter autopoiético – gerador de vida, no universo do Turismo. Este ensaio tem como objetivo geral apresentar o conceito de Escutatória Autopoiética e sua potencial relação com as sonoridades dos Ecosistemas Turísticos; e, como objetivos específicos: Discutir o conceito de turismo dentro da perspectiva teórica adotada; discutir a noção de sonoridades em relação a sujeitos e lugares; e, propor reflexões sobre a importância da escuta e da autopoiese em relação às sonoridades dos Ecosistemas Turísticos. A pesquisa fundamenta-se teoricamente, especialmente, em autores como Rubem Alves – e sua ideia de escutatória (Alves, 1999) e Humberto Maturana – e o seu conceito de autopoiese (Maturana e Varela, 1995). Metodologicamente, como orientação geral, adota-se a combinação das estratégias Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, de Maria Luiza Cardinale Baptista (Baptista e Eme, 2023), compreendendo a investigação como processo vivo, dinâmico e em constante devir. As reflexões apresentadas neste texto integram um estudo mais amplo em desenvolvimento – a tese de doutoramento sobre Turismo e Sonoridades, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Espera-se, com esse ensaio, contribuir para a consolidação de uma ciência que possibilite estudar o universo do Turismo de forma sensível e relacional, capaz de reconhecer as sonoridades como dimensões vivas do mundo e como vias para experiências mais humanas, éticas e autopoiéticas.

¹ **Leonardo Reichert** – Doutorando em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Bolsista PROSUC/CAPEL. Integrante do Amorcomtur! Ecosistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorisidade e Autopoiese. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5422185547490750>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5244-7561>. E-mail: turismologoleonardo@gmail.com.

² **Maria Luiza Cardinale Baptista** - Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Ecosistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorisidade e Autopoiese. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2996705711002245>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>. E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Sonoridades; Escutatória; Autopoiese; Escutatória Autopoietica.

INTRODUÇÃO

Certa feita, passeando pelo belo Parque Rodó, em frente à La Rambla que costeia o Rio da Prata em Montevideu, começo a ouvir ao longe uma percussão ritmada. O som dos pássaros, dos carros na avenida e das famílias que visitavam o Parque passa a se misturar aos tambores locais que, em intensidade crescente, pareciam se aproximar. Sujeito apaixonado pela música e pelas manifestações culturais, com os ouvidos abertos, caminho ao encontro do som.

Que maravilha! Naquele instante, descobri o candombe uruguaio.

Início este texto, escrito em tom ensaístico, trazendo para reflexão uma memória sonora de minhas andanças pela América do Sul. A experiência vivida naquela tarde em Montevideu é apenas um exemplo para refletirmos sobre como os lugares também se revelam pelos sons, pelos ritmos, pelas vozes e pelas ambiências que os atravessam cotidianamente. Além da contemplação visual, caminhar por uma cidade é também deixar-se afetar por suas sonoridades, manifestações culturais e encontros sensíveis que emergem no percurso. Os tambores do candombe em movimento, naquele instante, não apenas anunciavam uma expressão artística local, mas também evocavam histórias, memórias, resistências e modos de vida.

Então, talvez possamos pensar que “Trilhas e vozes do Turismo desde a América Latina”, convidam a também ouvir os sons multiespécie, os silêncios, as vozes e canções, os sussurros e os gritos das veias abertas e potentes da América Latina. Nesse sentido, a proposição reflexiva de aproximação da temática que vem sendo trabalhada no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, com as trilhas e vozes da América Latina é, ao mesmo tempo, um chamamento à escutatória e ao reconhecimento de nós mesmos e da potência dos nossos linguajares desde os rincões latino-americanos. Convidamos o leitor, assim, a também “caminhar ao encontro das sonoridades” nos Ecossistemas Turísticos.

Como ficará claro ao longo do texto, este ensaio também se constrói a partir de uma perspectiva reflexiva. Ao invés de apresentar respostas prontas e impositivas, com ares de colonização do pensamento do leitor, busca alinhar-se à concepção de construção compartilhada do conhecimento, defendida por autores como Paulo Freire (1996), propondo questões que convidem os leitores a formularem suas próprias concepções acerca da importância da

Escutatória Autopoietica nas experiências turísticas e, especialmente, as relacionadas com as sonoridades de sujeitos e lugares.

A ideia de escutatória, formulada pelo educador, filósofo e psicanalista brasileiro Rubem Alves, propõe uma reflexão sobre a importância da escuta atenta, sensível e aberta ao outro, aos silêncios, às experiências e ao mundo que nos cerca, para além do simples ato de ouvir. Nesse sentido, considera-se pertinente avançar na composição conceitual de Escutatória Autopoietica. Se a escutatória nos convida a compreender a escuta como exercício sensível e ético de abertura ao outro e ao mundo, o complemento “autopoietica” amplia essa compreensão para a perspectiva da produção de vida.

A teoria da autopoiese, elaborada pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, compreende que os seres vivos são capazes de produzir, contínua e interruptamente, a si mesmos em relação dinâmica com o ambiente. O termo remete à ideia de autoprodução, de criação de si mesmo, revelando a vida como processo incessante de reinvenção e conservação de sua própria organização (Maturana & Varela, 1995; Maturana, 2001; Baptista, 2004). Trata-se de uma concepção que desloca o olhar mecanicista sobre os seres vivos e os reconhece como tramas complexas, relacionais e em contínuo devir.

Nesse horizonte, a articulação entre escutatória e autopoiese permite pensar a escuta para além de um simples ato de audição, perceptivo ou cognitivo. A Escutatória Autopoietica apresenta-se como possibilidade de uma escuta ativa, ética, sensível e relacional, capaz de participar da produção de sentidos, de afetos e da criação de modos de existência mais atentos às singularidades dos sujeitos, dos lugares e das ambiências sonoras que constituem os Ecossistemas Turísticos. Escutar, nessa perspectiva, implica envolver-se com aquilo que pulsa no encontro, reconhecendo as sonoridades como forças vivas que nos atravessam, provocando deslocamentos subjetivos.

Tal reflexão torna-se particularmente necessária quando se observa que muitos Ecossistemas Turísticos têm sido compostos por dinâmicas que produzem múltiplas formas de morte: o silenciamento de comunidades e saberes locais, processos de gentrificação, degradação de ambientes naturais, apagamento de singularidades culturais, por exemplo. Tais processos, frequentemente legitimados por discursos de “desenvolvimento” são sustentados por uma lógica capitalística orientada pela expropriação e acumulação – seja de capital, seja de fluxos

turísticos, em detrimento da qualidade ética das relações que se estabelecem no universo do Turismo.

É diante desse cenário que a Escutatória Autopoietica se apresenta como provocação teórico-reflexiva. Ao convocar uma escuta comprometida com a vida, ela tensiona modos hegemônicos de pensar e praticar o turismo, propondo a abertura para experiências capazes de afirmar a potência criativa dos encontros e de reconhecer as sonoridades como dimensão constitutiva de Ecossistemas Turísticos mais sensíveis, relacionais e geradores de vida.

O estudo busca contribuir, desta forma, para ampliar a atenção dedicada à dimensão sonora nas investigações, experiências e narrativas turísticas. Tem como objetivo geral apresentar o conceito de Escutatória Autopoietica e sua potencial relação com as sonoridades dos Ecossistemas Turísticos; e, como objetivos específicos: Discutir o conceito de turismo dentro da perspectiva teórica adotada; discutir a noção de sonoridades em relação a sujeitos e lugares; e, propor reflexões sobre a importância da escuta e da autopoiese em relação às sonoridades dos Ecossistemas Turísticos.

A pesquisa fundamenta-se teoricamente, especialmente, em autores como Rubem Alves e sua proposição de escutatória (Alves, 1999), bem como em Humberto Maturana e Francisco Varela, a partir do conceito de autopoiese, compreendido como processo contínuo de autoprodução da vida (Maturana & Varela, 1995). Metodologicamente, como orientação geral, adota-se a combinação das estratégias Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, propostas por Maria Luiza Cardinale Baptista (Baptista & Eme, 2023), compreendendo a investigação como processo vivo, dinâmico, relacional e em constante devir. A investigação também se configura como uma abertura sensível às vozes que ecoam desde territórios latino-americanos e que convocam outros modos de pensar, sentir e produzir conhecimento, instigando a reflexão sobre ressonâncias que afirmam a vida, a relação e a potência criadora dos encontros no universo do Turismo.

As reflexões apresentadas neste texto integram um estudo mais amplo em desenvolvimento — a tese de doutoramento sobre Turismo e Sonoridades, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A pesquisa também é discutida teórico-conceitualmente nos Encontros Caóticos do Amorcomtur! — Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Espera-se, com este ensaio,

contribuir para a consolidação de uma ciência que possibilite estudar o universo do Turismo de forma sensível e relacional, capaz de reconhecer as sonoridades como dimensões vivas do mundo e como vias para experiências mais humanas, éticas e autopoieticas.

METODOLOGIA

O presente texto assume um caráter ensaístico e reflexivo, constituindo-se como exercício importante no percurso investigativo mais amplo que integra a tese de doutoramento, conforme mencionado no capítulo introdutório. Os procedimentos metodológicos partiram da combinação das estratégias Cartografia dos Saberes e Matrices Rizomáticas, propostas por Baptista (Baptista & Eme, 2023), orientando a construção de conexões entre diferentes saberes e áreas do conhecimento e permitindo uma abordagem sensível, dinâmica e em constante criação sobre a relação entre as sonoridades e os Ecossistemas Turísticos.

CARTOGRAFIA DOS SABERES

Definido por Baptista (Baptista & Eme, 2023), como uma espécie de mapa mutante que se faz acompanhando a mudança da paisagem investigativa, a Cartografia dos Saberes é uma estratégia plurimetodológica para pesquisas orientadas pela lógica processual, complexa e holística. A estratégia propõe a operacionalização da pesquisa, por meio de cinco principais trilhas que vão sendo percorridas simultaneamente. **A Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa'** auxilia na identificação dos focos investigativos, considerando a trajetória pessoal do pesquisador; os **Saberes Pessoais** considera a subjetividade do pesquisador, associando vivências e saberes próprios; a **Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica** possibilita uma conexão de saberes com o conhecimento existente, em com-versações cartográficas reflexivas; a **Usina de Produção** integra a prática dos fazeres investigativos, com seu caráter de inscrição (inscrição, criação e acionamento de devires); e a **Dimensão Intuitiva da Pesquisa** reconhece que o conhecimento se produz através do entrelaçamento de universos materiais e imateriais. Juntas, essas trilhas consideram a pesquisa como um processo vivo e em constante brotação.

Essas tramas coexistem e se entrelaçam continuamente, configurando uma cartografia viva de saberes e práticas que sustentam o percurso investigativo. As cinco tramas aqui delineadas — Entrelaços Nós, Saberes Pessoais, Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva — coexistem compondo uma rede viva de relações. Elas se atravessam e se transformam mutuamente, conformando o tecido metodológico que sustenta o presente

ensaio. Diferentemente de uma estrutura fixa de planejamento, essas tramas representam um modo de estar em pesquisa: aberto, relacional e sensível ao próprio ato de conhecer e produzir conhecimento.

MATRIZES RIZOMÁTICAS

As Matrizes Rizomáticas são estratégias metodológicas de sistematização que ajudam a verificar a coerência interna da pesquisa e acompanhar suas mudanças durante e após a investigação. A denominação decorre do entendimento de 'matriz' como lugar gerador da vida na pesquisa e de 'rizoma'³ como raízes de crescimento irregular e brotações espontâneas. Essas Matrizes são operacionalizadas por meio de quatro principais brotações.

Matriz 1: Tramas e Rizomas – Verificação da Coerência da Pesquisa; **Matriz 2: Detalhamento do Rizoma** – Relação 'entrelaços nós' objetivos, capítulos e subcapítulos; **Matriz 3: Composição - Trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa** – Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Cartografia dos Saberes; e, **Matriz 4: Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa – Capítulos** – Trilha Usina de Produção (Baptista & Eme, 2023).

6

TURISMO: DESTERRITORIALIZAÇÕES E PRODUÇÕES DE SENTIDO

A partir deste momento, busca-se discutir sobre o conceito de turismo, compreendendo-o para além do deslocamento físico e temporal. Propõe-se, assim, uma reflexão sobre o Turismo como um universo relacional, sensível e complexo, no qual se produzem sentidos, afetos e experiências em contínua criação e transformação. Ao acompanhar esse percurso, sugere-se refletir: que outras camadas do universo do Turismo podemos escutar?

O turismo pode ser compreendido como uma trama viva, multifacetada e que transcende a noção de atividade econômica ou de deslocamento geográfico. Pensemos juntos, ao sair do seu território cotidiano, o sujeito turista passa a estabelecer múltiplas novas relações, que podem se expressar, inicialmente, em questões como: "Onde vou comer, dormir ou suprir outras necessidades básicas?" ou, ainda, "Quais são os lugares de interesse e como vou visitá-los?". Essas perguntas, no entanto, não se esgotam, necessariamente, no plano prático-funcional, pois desdobram-se em reflexões existenciais: "Qual é a minha relação de aproximação ou

³ Rizoma é um termo originário da botânica, empregado nos estudos de Baptista a partir da concepção de Deleuze e Guattari (1995). Designa um tipo de raiz de crescimento não linear, marcada por brotações múltiplas e espontâneas. Essa metáfora expressa conexões abertas e múltiplos percursos possíveis.

distanciamento com a cultura local?" ou "Quais conexões consigo estabelecer a partir de minha própria trajetória?".

O turismo revela-se como um universo tecido por relações não lineares. Refletir sobre ele pressupõe reconhecer suas múltiplas camadas, escalas e conexões – do local ao global, do interior do sujeito ao coletivo dos Ecossistemas Turísticos – e sua interdependência com múltiplos ecossistemas – socioculturais, naturais, econômicos, políticos, entre outros – que moldam a experiência turística, sem esgotar sua complexidade. Nessa perspectiva, Baptista (2016) propõe o conceito de turismo-trama. Diferentemente de modelos lineares ou hierárquicos, uma trama configura-se como uma rede intrincada e fluida de conexões e influências que atravessam os sujeitos e os lugares, envolvendo múltiplas dimensões. Essa teia dinâmica desafia análises simplificadas, pois o sujeito turístico emerge da confluência e do tensionamento dessas forças em constante movimento, produzindo sentidos e experiências em permanente transformação. Essas reflexões vão ao encontro das ideias de Beni e Moesch (2017), que, embora ao longo de suas trajetórias teóricas tenham trabalhado com o "Sistema de Turismo", cuja própria concepção é associada a uma perspectiva fechada em si mesma, sinalizam, nesse estudo, uma compreensão do turismo como sistema aberto, orgânico e complexo, o que reforça seu caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar.

Um ecossistema, diferente de um sistema fechado em si mesmo, pode ser compreendido como uma unidade dinâmica formada pela interação indissociável entre matéria, organismos vivos, ambiente e fluxos de energia. Essa configuração resulta de processos naturais e de influências humanas e não humanas que se manifestam em múltiplas escalas, mantendo-se em equilíbrio dinâmico por meio de interdependências que sustentam a vida. Os Ecossistemas Turísticos também estão repletos de sonoridades. Constituem-se por múltiplas fontes de emissão sonora que, em sua interação, conformam as ambiências características de determinado lugar. Neles, entrelaçam-se elementos geográficos, socioculturais e ambientais, compondo uma tessitura sonora em permanente transformação. Essa tessitura, em certa medida, assemelha-se à trilha sonora de uma produção cinematográfica, capaz de traduzir sua singularidade sem, necessariamente, verbalizá-la.

Há um aspecto que vale destacar, na sequência das reflexões. Alguns autores clássicos do Turismo analisam a atividade especialmente pelo viés da visão – e a redundância aqui é proposital para a discussão. Yázigí (2002) observa que nossa percepção da realidade se dá

prioritariamente pelo olhar, o que reforça sua centralidade na experiência turística e a importância dada no turismo para “aquilo que se vê”. Gastal (2005) destaca que vivemos numa época da hegemonia da imagem, em que a verdade esteve por muito tempo associada àquilo que “alguém pudesse ver com os próprios olhos” (Gastal, 2005, p. 45). Embora reconheça a força dessa lógica imagética, a autora chama atenção para o fato de que os imaginários turísticos não se limitam ao visível. Eles se constituem igualmente por meio da escuta, manifestando-se em experiências como o cinema, a literatura, a música e até nas conversas cotidianas, revelando que a produção de sentido envolve múltiplas formas sensíveis de relação com o mundo.

A experiência turística envolve, portanto, uma ampla trama de sentidos e a abertura para estímulos que rompem com a rotina cotidiana. Desse modo, compreende-se que o turismo – assim como a própria vida – não se reduz ao olhar, mas também se revela naquilo que se escuta, se toca, se cheira, se come, compondo uma experiência essencialmente multissensorial. Em um contexto latino-americano, pode-se pensar, por exemplo, na importância da gastronomia e na potência de degustar in loco um ceviche peruano, tacos mexicanos ou mesmo um churrasco (ou assado) gaúcho, experienciando sabores que carregam memórias, histórias e modos de vida singulares. Da mesma forma, no universo das sonoridades, pode-se refletir sobre a experiência de vivenciar o samba brasileiro, o tango argentino ou a cumbia colombiana e venezuelana, cuja força cultural se espalhou por toda a América Latina, Caribe e além.

A América Latina é ecossistema gerador de uma trama de sons singulares e genuínos, ao mesmo tempo que se configura como terra de todas as vozes, onde longas derivas de transversalizações de povos, entre os originários e os imigrantes, colonizadores ou levas de seres em buscas de sonhos de reinventar a própria vida. A pulsação sonora é forte e sensível, intensa e suave, marcante e delicada, porque representa fluências e confluências de vidas tantas, vidas humanas e não humanas, de ecossistemas exuberantes como a Amazônia, as Cataratas do Iguaçu ou o Pampa Gaúcho, para citar apenas alguns exemplos.

É justamente nesse ponto que este ensaio direciona sua atenção para a relação entre turismo, audição e escuta das sonoridades. Se o olhar tem ocupado posição privilegiada nas análises tradicionais do Turismo, talvez seja tempo de ampliar nossa escuta também para aquilo que vibra, ressoa e ecoa nos encontros entre sujeitos e lugares. Os sons e os silêncios das vozes latino-americanas. Trata-se, portanto, de perceber que os territórios também se anunciam pelos seus ritmos, sotaques e cantos. Dos mercados populares andinos às rodas de samba brasileiras;

das festas comunitárias às sonoridades dos pássaros endêmicos da América Latina, existe uma produção de vida que igualmente se expressa pelos sons. Talvez, ao escutar atentamente os lugares, possamos compreender outras dimensões das experiências turísticas e das relações humanas e não-humanas que nelas se tecem.

A dimensão sonora atua, assim, como agente cocriador, influenciando e sendo influenciada pelo fluxo contínuo de relações que define o universo do Turismo. Com isso, é possível perceber que os sons que compõem o cotidiano turístico integram, de forma sensível e essencial, a singularidade daquele ecossistema — o que Eduardo Yázigi (2002) vai chamar de “a alma do lugar”. E se os Ecossistemas Turísticos expandissem sua compreensão ao incorporar a dimensão sonora como elemento ativo na produção de sentido e na formação das experiências turísticas, moldando percepções, emoções e memórias, tanto de visitantes quanto da comunidade local?

É curioso notar que, mesmo diante de tamanha potência sensível, as sonoridades de sujeitos e lugares costumam ser relegadas a um segundo plano em relação àquilo que é visto, como se o olhar monopolizasse as formas de significar o turismo. A partir das discussões apresentadas até aqui, talvez possamos começar a escutar os Ecossistemas Turísticos com “outros ouvidos”. Se o som pressupõe movimento, como veremos a seguir, ele também pode estar relacionado aos caminhos que percorremos no turismo. Assim como o turismo envolve deslocamentos físicos, existenciais e subjetivos, as sonoridades acompanham esses percursos como ondas que ligam corpo, tempo e território.

SONORIDADES QUE HABITAM SUJEITOS E LUGARES

“Solo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente”



“Eu só peço a Deus
Que o futuro não me seja indiferente
Desenganado é aquele que precisa ir embora
Para viver uma cultura diferente

Eu só peço a Deus
Que a guerra não me seja indiferente
É um monstro grande e pisa forte
Toda a pobre inocência desta gente”

Solo Le Pido a Dios (León Gieco / interpretado por Mercedes Sosa⁴)

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzQlwFPyEc4>. Acesso em: 30 maio 2026.

Iniciamos este capítulo com um trecho da canção icônica do argentino León Gieco, mundialmente conhecida na voz da argentina e ameríndia Mercedes Sosa, para, a partir dela, trazermos à consciência as sonoridades de sujeitos e lugares latino-americanos. Sonoridades que, durante muito tempo, tiveram suas músicas, falas, idiomas, dialetos e até mesmo suas próprias existências silenciadas por processos de aculturação norteadas pelo Norte – a redundância aqui também é uma estratégia para provocar a reflexão.

Ao dialogarmos com Milton Santos (2000), cabe perguntar: o que resta da globalização para “o lado de cá”, ou seja, para a América Latina, para o Sul global? Pensando em “voz alta”, quais sonoridades latino-americanas seguimos levando conosco? Em meio a tantos *insights*, *feedbacks* e *mindsets*, o que permanece de latino em nossas *playlists* cotidianas? Quais vozes ainda ecoam em nossos ouvidos e corações e quais foram gradualmente substituídas por referências culturais “importadas”? Mais do que uma questão sonora ou musical, trata-se de refletir sobre memória e pertencimento. Afinal, escutar a América Latina também é reconhecer os sons que contam suas histórias, expressam suas resistências e mantêm vivas as singularidades que compõem este vasto território de encontros e contrastes.

Assim como proponho em meus estudos de doutoramento, convido o leitor a refletir sobre as sonoridades, em suas múltiplas manifestações, como dispositivos vitais na constituição da experiência turística e do próprio universo do Turismo. Esses dispositivos ativam memórias, produzem afetos, pertencimento e sentido, traduzem ambientes e provocam deslocamentos subjetivos. Ao nos desterritorializarmos, ouvimos os lugares tanto quanto os vemos – ainda que, com certa frequência, de forma inconsciente. O som – em suas múltiplas manifestações – é concebido aqui como uma força vital e dinâmica que participa ativamente da cocriação de lugares, memórias e afetos. As sonoridades revelam-se, assim, como possíveis dispositivos de potencialização da experiência turística. Trata-se de um dispositivo que opera em diferentes dimensões: desde a materialidade acústica que compõe os Ecossistemas Turísticos até as intensidades abstratas que nos atravessam e emergem do encontro entre sujeitos e lugares.

Até aqui, avançamos em aproximações importantes, mas ainda não discutimos um ponto central: afinal, o que significa o “som”? Se consultarmos o dicionário, de acordo com Michaelis On-line (2015), a palavra “som” apresenta diversos significados, dependendo da área em que é percebido. No campo da fonética, refere-se a “qualquer emissão sonora feita pelo aparelho fonador do homem”. Na Física, corresponde ao “fenômeno acústico que consiste na vibração

que se propaga num meio elástico, capaz de ser percebida pelo sentido da audição”. O termo também pode designar a “sensação auditiva provocada por esse fenômeno”; “tudo o que é percebido pelo sentido da audição; barulho, ruído, soído”; bem como “ruído típico de algo que propaga ondas sonoras”. Em contextos coloquiais, o som é frequentemente associado à “música, especialmente de caráter popular”; sendo também utilizado para descrever o “estilo ou característica de um músico, de um grupo musical, de uma banda ou de uma orquestra”.

Som é movimento. Onda oscilatória. Impulsos e repousos. Presença e ausência. Podemos representá-lo como ondas que oscilam entre momentos de ímpeto ou de ascensão e momentos de repouso ou de quedas cíclicas. Wisnik (1999) compara estas oscilações ao círculo do *Tao*⁵ – representado pelo “ímpeto” *yang* e pelo “repouso” *yin*. Os corpos vibram e transmitem essa vibração para o ambiente sob a forma de propagação ondulatória que é captado pelo ouvido, registrado pelo tímpano como séries de compressões e descompressões e interpretadas pelo cérebro, que lhes atribui configurações e sentidos. Essa natureza oscilatória faz com que algumas culturas compreendam o som como um modelo de essência universal, uma expressão da própria dinâmica da vida, regida pelo movimento contínuo.

Assim como o turismo, o som pressupõe movimento. Essas oscilações sonoras refletem ritmos naturais, sociais, culturais e subjetivos, operando como um fio condutor entre matéria, sentido e significado. Socialmente, o som constitui uma forma de expressão, de construção de identidades e de fortalecimento de vínculos comunitários. As sonoridades de um lugar celebram, resistem, comunicam e emocionam. Elas têm papel importante na preservação cultural, na transmissão de saberes e na produção de sentidos. Culturalmente, os sons atuam como importantes geradores da vida social, funcionando como memórias em movimento, manifestações afetivas e formas de resistência. A escuta atenta possibilita acessar narrativas muitas vezes silenciadas e dinâmicas sociais mediadas por vozes, gritos, sussurros e silêncios.

Nesse contexto, as festas populares latino-americanas revelam-se como potentes expressões sonoras coletivas. Podemos percebê-las nos diferentes sons do Carnaval do Brasil e de países como Bolívia e Colômbia, por exemplo. No Norte do Brasil, temos o Festival de Parintins, com performances e narrativas com referências amazônicas, e o Círio de Nazaré, com procissões,

⁵ Na cosmologia taoísta, o círculo *Tao* apresenta uma noção de complementariedade entre forças opostas – como noite e dia, frio e calor, repouso e atividade. Essas forças não se anulam, mas se equilibram dinamicamente por meio do movimento (Coutinho; Dulcetti, 2015).

orações e cânticos como manifestações de fé e da religiosidade popular. No México, o Día de los Muertos reúne homenagens que conectam a vida e a morte de maneira vibrante e colorida, enquanto, no Uruguai, as Llamadas fazem ressoar os tambores do candombe em movimento pelas ruas, reafirmando memórias de resistência afrodescendente. Apesar das diferenças regionais, essas festas populares se aproximam por características importantes: presença da música, da dança, da ocupação coletiva dos espaços públicos, da ancestralidade e da celebração das singularidades culturais. Constituem verdadeiros patrimônios vivos dos povos latino-americanos e oferecem sinalizadores para compreender as sonoridades e os modos de existência que permeiam esses territórios.

Neste estudo, as sonoridades são compreendidas como construções que envolvem tanto a percepção, quanto a interpretação dos sons. Enquanto o som costuma ser descrito como um fenômeno físico – resultantes de vibrações propagadas em meios como o ar ou a água –, as sonoridades parecem emergir da maneira como essas vibrações são percebidas e atravessadas por memórias, emoções e contextos socioculturais. Assim, não se constituem apenas por sons isolados, mas por composições dinâmicas, mutáveis e relacionais, nas quais afetividades e sentidos se produzem continuamente. A sonoridade ultrapassa, nesse sentido, a materialidade acústica, configurando-se como um campo aberto de ressonâncias e reverberações subjetivas, cuja interpretação e compreensão demanda atenção aos múltiplos atravessamentos da experiência auditiva.

Ao aprofundar sua análise sobre as sonoridades, Wisnik (1999) propõe uma reflexão sobre a correspondência entre as escalas sonoras e corporais. Ele sugere que toda a nossa relação com os universos sonoros se organiza por meio de padrões de pulsação. Para ilustrar o funcionamento das ondas sonoras, o autor compara o pulsar do som aos ritmos do nosso próprio corpo, como a pulsação sanguínea e o pulso cerebral. De acordo com Wisnik (1999, p. 20) “os sons são emissões pulsantes, que são por sua vez interpretadas segundo os pulsos corporais, somáticos e psíquicos”. Em outras palavras, os sons que chegam até nós são interpretados com base nos nossos ritmos internos. A forma como o percebemos está ligada ao próprio funcionamento do corpo.

Complementarmente a essa abordagem, Baptista (2016) sinaliza que os sons estão diretamente relacionados à respiração e à pulsação do corpo dos sujeitos e da natureza que os rodeia. Registros sonoros – de falas, músicas, sons dos sujeitos ou do ambiente – podem constituir,

desta forma, dispositivos valiosos na composição cartográfica da pesquisa. Observar e registrar manifestações sonoras possibilita acessar informações sobre aquilo que faz vibrar os sujeitos e em que direção. Tais registros podem ser descritos em diários de pesquisa ou captados com auxílio de recursos tecnológicos como gravadores e, posteriormente, descritos e analisados como dados sensíveis da investigação.

Penso que as sonoridades estão por toda parte e, mais do que sons isolados, podem ser compreendidas como padrões acústicos que emergem da interação dinâmica entre sujeitos e lugares, carregando significados simbólicos profundos. Pensemos, por exemplo, no som das cachoeiras, no fluxo contínuo de um rio ou no canto dos pássaros em atividades de ecoturismo. Nos contextos urbanos, elas se transformam: surgem o burburinho das metrópoles, o ruído dos transportes, as vozes sobrepostas em feiras populares. Também são sonoros os encontros culturais: as canções folclóricas, a polifonia de idiomas, dialetos, sotaques e expressões locais podem funcionar como potencializadores da memória, contribuindo para a afetivação na experiência turística. Além disso, constituem-se, frequentemente, como uma via de acesso ao despertar de emoções, fomentando vínculos sensíveis com os lugares. Um visitante que escuta uma melodia local ou participa de um evento cultural pode sentir-se mais profundamente conectado àquele lugar, percebendo suas atmosferas, ritmos e singularidades por meio das sonoridades que nele reverberam.

E se as sonoridades fossem reconhecidas como parte essencial da experiência turística? Será que escutar os sons de um lugar — das águas, dos ventos, dos animais, das pessoas — pode nos conectar de maneira mais profunda com aquele ambiente? Será que os sons podem ser pensados como fios de intensidades invisíveis que costuram memórias, significados e afetos, contribuindo para a criação de vivências mais sensíveis e éticas com o mundo? Nos encaminhamos para o fechamento deste capítulo, propondo que “abramos os ouvidos”, especialmente nos processos de desterritorialização do Turismo, às sonoridades de sujeitos e lugares. Acreditamos que reconhecer a importância das sonoridades no universo do Turismo é um passo importante para ampliar as possibilidades de afetivação e cuidado com os sujeitos e lugares. No próximo capítulo, aprofundaremos as reflexões sobre a Escutatória Autopoietica e como ela pode nos ajudar a construir experiências turísticas, modos de estar no mundo e até novos mundos possíveis, que sejam geradores de vida por meio da escuta das sonoridades de sujeitos e lugares, neste caso, especialmente os latino-americanos.

ESCUTATÓRIA AUTOPOIÉTICA: SONORIDADES GERADORAS DE VIDA

“Sempre vejo anunciados cursos de oratória.
Nunca vi anunciado curso de escutatória.
Todo mundo quer aprender a falar.
Ninguém quer aprender a ouvir.
Pensei em oferecer um curso de escutatória.
Mas acho que ninguém vai se matricular.”
(Escutatória – Rubem Alves)

Início este capítulo, trazendo para reflexão um trecho da crônica “Escutatória”, de Rubem Alves. De fato, concordo com Alves (1999) quando menciona que todos querem aprender a falar melhor, mas ninguém quer aprender a ouvir, fazendo alusão aos populares cursos de oratória, em contraste com o menor interesse pela escuta. Não considero o interesse das pessoas por cursos de oratória como algo negativo; pelo contrário. Reflito, no entanto, sobre a necessidade de aprendermos a ouvir, o que tem sido, historicamente, relegado a um segundo plano, como se fosse algo de menor relevância ou até mesmo desimportante.

Pensar a Escutatória Autopoietica nos Ecossistemas Turísticos implica reconhecer a escuta não apenas como um ato cognitivo ou sensorial, mas como uma abertura ética e sensível ao outro, aos sujeitos e lugares e às sonoridades que deles emergem. Inspirados pelas reflexões de Rubem Alves, podemos compreender que escutar exige mais do que “ouvidos abertos”: requer silêncio interior, suspensão das certezas e do ego e até a disponibilidade para escutar aquilo que ainda não foi dito. Nas crônicas “Escutatória” e “Se eu fosse você...” (publicado originalmente no Correio Popular como “Escutatória, de novo...”), Alves (1999) sugere reverberações para além da fala – os silêncios, as pausas, as musicalidades, os afetos e as sensibilidades que atravessam os encontros.

Sobre essa perspectiva, as sonoridades dos Ecossistemas Turísticos podem ser percebidas como forças geradoras de vida, capazes de produzir afetivações, vínculos e processos autopoieticos entre sujeitos e lugares. Escutar, nesse contexto, aproxima-se de um exercício de comunhão: uma experiência em que diferentes ritmos, vozes, memórias e trilhas sonoras locais se encontram e se recriam mutuamente. Talvez por isso a escutatória também nos convide a aprender a “escutar a música” presente nos Ecossistemas Turísticos.

Como pistas para uma escuta mais sensível, destacam-se as reflexões de Ailton Krenak – pensador, ambientalista e escritor representante dos povos originários brasileiros – que nos

convida a reconhecer as sonoridades da Terra como expressões vivas de comunicação. Para o autor, não se trata de criar novas teorias, mas de reaprender a escutar com o corpo inteiro – com o que pulsa, vibra e sente. Rios, pedras, florestas, pássaros e tantos outros seres emitem sinais, vozes e chamados. Contudo, para ouvi-los, é preciso estar atento. Como afirma: “ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (Krenak, 2020, p. 73). Essa perspectiva amplia a noção de escuta, descolonizando a audição e reposicionando o humano em relação ao mundo. Escutar, nesse sentido, torna-se um gesto de pertencimento, uma forma de relação que reconhece a multiplicidade dos seres e a interdependência que sustenta a vida. Ao ignorarmos essas vozes, corremos o risco de silenciar não apenas a vida humana na Terra — mas também a possibilidade de continuar sonhando, habitando, conversando, cantando e dançando com ela.

Tanto as ideias de Ailton Krenak quanto as de Rubem Alves – assim como as reflexões de outros autores mobilizados – estão sintonizadas, neste estudo, com a teoria autopoietica de geração contínua da vida, do chileno Humberto Maturana (Maturana e Varela, 1995). A autopoiese, ao conceber os seres vivos como sistemas que se autoproduzem em permanente interação com o meio, rompe paradigmas mais fragmentados ao aproximar a autoprodução da vida dos ecossistemas nos quais ela se constitui. Em termos científicos, Maturana oferece bases para pensar os processos humanos e sociais como sistemas vivos, autoprodutivos e em constante transformação.

Ao propor um diálogo entre a ideia de escutatória e a autopoiese, apresenta-se o conceito de 'Escutatória Autopoietica' – uma escuta autogeradora de vida, consciente e amorosa, atenta às conexões entre as sonoridades em complementaridade com seus ecossistemas. Uma sinalização importante é a singularidade e a subjetividade da Escutatória Autopoietica, estando intimamente relacionada a quem a pratica. Ainda que marcada por essa dimensão subjetiva, alguns sinalizadores mostram-se especialmente relevantes para a composição de uma Escutatória Autopoietica. Sem a pretensão de esgotar todos os aspectos envolvidos, tampouco de reduzir a sua complexidade, a seguir destacam-se algumas dessas premissas, sobre as quais refletiremos brevemente, a fim de avançar na discussão.

- **Estado de escuta consciente:** presença plena no aqui e agora, mesmo quando a escuta estiver mediada por tecnologias de gravação. Trata-se, inclusive, de um esforço em

silenciar os sons interiores do pensamento para favorecer a conexão com as sonoridades do Ecossistema Turístico.

- **Amorosidade na escuta:** Reconhecer as sonoridades do outro (seja ele um ser vivo ou não-vivo, humano ou não-humano) como legítimas, acolhendo-as sem julgamentos prévios e pré-conceitos sonoros.
- **Inseparabilidade dos sons do ecossistema:** compreender que as sonoridades só adquirem sentido em conexão com o seu ambiente, sendo indissociáveis do contexto que as produz. Dentro de determinado ecossistema, as sonoridades ganham sentidos que não se aplicam, necessariamente, em outros.
- **Singularidade, subjetividade e afetos do escutante:** O som é efetivamente percebido a partir da singularidade, da subjetividade e da mobilização de afetos do sujeito escutante, em diálogo com sua trajetória e experiência de vida.

16

Desta forma, em outras palavras, a proposta da Escutatória Autopoiética, se abre como uma ética da escuta – uma postura de atenção, empatia e cuidado frente ao outro, ao mundo e a nós mesmos, em relação às sonoridades percebidas. Escutar os lugares, os sujeitos, os silêncios, e, inclusive, nossos sons interiores, é importante não só para analisar as sonoridades, mas para a geração contínua de vida, promovendo novas formas de ser e estar no mundo e até a criação de novos mundos possíveis.

No universo do Turismo, a Escutatória Autopoiética nos convida a perceber que as experiências também estão relacionadas ao que escutamos e sentimos ressoar. Mais do que um conceito, uma técnica ou um instrumento de pesquisa, trata-se de uma postura epistemológica na medida em que orienta a maneira como o conhecimento sobre as sonoridades e seus ecossistemas turísticos é ou pode ser produzido. É nesse entrelaçamento – da pesquisa, do turismo e das sonoridades – que a escuta se torna uma possibilidade de encontro, aprendizado e transformação; uma postura capaz de potencializar as sonoridades como dispositivos de autopoiese nos processos de desterritorialização do turismo.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Apresenta-se, a seguir, reflexões conclusivas do presente ensaio investigativo. Entre os resultados preliminares, destaca-se a que as sonoridades podem ser entendidas como potências na produção de sentido, operando tanto no plano sensorial quanto no simbólico e afetivo. Ao reconhecer as sonoridades de sujeitos e lugares por meio da Escutatória Autopoiética, o estudo amplia as possibilidades de compreensão dos Ecossistemas Turísticos e das experiências turísticas. Espera-se, com isso, contribuir para a consolidação de uma ciência que possibilite estudar o universo do Turismo de forma sensível e relacional, considerando as sonoridades como dimensões vivas e como vias de acesso para experiências mais humanas, éticas, amorosas e geradoras de vida.

O turismo, dentro da perspectiva teórica adotada neste ensaio, revela-se como uma trama viva, relacional e complexa, atravessada por múltiplas camadas de sentidos em permanente transformação. Mais do que um deslocamento físico ou uma atividade orientada por lógicas economicistas, compreende-se o turismo como um universo de conexões que envolve sujeitos, lugares e ecossistemas em contínuos processos de aproximação, tensionamento e produção de sentido. Nesse movimento, a experiência turística ultrapassa a primazia do olhar e abre-se para outras formas sensíveis de relação com o mundo, reconhecendo que aquilo que constitui os Ecossistemas Turísticos também se manifesta nas ambiências, nas memórias, nos afetos e nas vibrações que atravessam os encontros entre sujeitos e lugares. Assim, ao refletir sobre o turismo como trama, talvez seja possível também escutá-lo como um universo no qual as sonoridades participam ativamente da constituição das experiências, acompanhando os deslocamentos físicos, existenciais e subjetivos que o atravessam.

As sonoridades, por sua vez, revelam-se como dimensões sensíveis, dinâmicas e relacionais que ressoam de sujeitos e lugares, participando ativamente da produção de afetos, memórias, pertencimentos e sentidos no universo do Turismo. Mais do que fenômenos físicos ou sons isolados, compreendem-se aqui como composições vibratórias que emergem das interações entre corpos, ambientes, culturas e experiências, constituindo uma conexão entre materialidade e subjetividade. Assim como o turismo, as sonoridades pressupõem movimento, manifestando-se nas pulsações do corpo, nos ritmos da natureza, nas expressões culturais e nas trilhas sonoras singulares dos Ecossistemas Turísticos. Ao atravessarem os sujeitos por meio de

memórias, emoções e interpretações, as sonoridades tornam-se também formas de expressão, resistência e produção de vínculos sensíveis com os lugares.

Reflito ainda que, durante muito tempo, encerrava reflexões sobre o Turismo evocando a busca pelo utópico “desenvolvimento sustentável”, compreendido como um equilíbrio entre dimensões econômicas, sociais e ambientais. No entanto, ao me aproximar de autores como Ailton Krenak, talvez sejamos provocados a tensionar essa própria ideia: desenvolvimento sustentável para quê? Para quem? E, sobretudo, para sustentar o quê? Em meio às crises que atravessam a vida contemporânea e às possibilidades concretas de esgotamento dos modos de existência que produzimos enquanto espécie, talvez já não seja suficiente pensar apenas na sustentabilidade de modelos de desenvolvimento, mas na urgência de construirmos modos de viver, habitar e experienciar o mundo que sejam efetivamente geradores de vida. Nesse horizonte, a Escutatória Autopoietica pode abrir caminhos para um Turismo mais atento às relações, aos afetos e às reverberações sensíveis dos Ecossistemas Turísticos, convidando-nos não apenas a visitar lugares, mas a escutá-los. Talvez, mais do que planejar sonoramente os espaços ou propor processos de educação sonora, a reflexão central seja: o que os sujeitos, os lugares, a natureza, os encontros e os modos de organização da vida estão nos dizendo? O que pode ser levado dessas experiências para nossas vidas, comunidades, relações e formas de existir? Que reverberações permanecem em nós após a viagem? A partir de uma Escutatória Autopoietica, talvez o Turismo possa ser compreendido menos como consumo de experiências e mais como possibilidade de encontro, transformação e produção contínua de vida.

Por fim, convidamos o leitor a refletir sobre a canção “Semeadura”, de Vitor Ramil e José Fogaça. Inspirada em Mercedes Sosa, escrita em uma mescla de português e espanhol no ano de 1980 e premiada na 10ª edição da Califórnia da Canção Nativa – o mais antigo festival de música nativista do Rio Grande do Sul –, a canção semeia esperança, especialmente aos povos e latino-americanos. O povo, as sonoridades, os cantos e vozes latino-americanas resistem!

Nós vamos prosseguir, companheiro Medo não há No rumo certo da estrada Unidos vamos crescer e andar Nós vamos repartir, companheiro O campo e o mar	↓	O pão da vida, meu braço, meu peito Feito pra amar. Americana Pátria, morena <u>Quiero tener</u> Guitarra y canto libre <u>En tu amanecer</u>
--	---	--

(Semeadura – Vitor Ramil e José Fogaça⁶)

REFERÊNCIAS

- Alves, Rubem (1999). *O amor que acende a lua*. Campinas, SP: Papirus.
- Baptista, Maria Luiza Cardinale (2004). *Comunicação, amorosidade e autopoiese*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27, 2004. Anais [...]. Intercom.
- Baptista, Maria Luiza Cardinale (2016). Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo. *PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 14(5), 1083-1091.
- Baptista, Maria Luiza Cardiale, Eme, Jennifer Bauer (2023). Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos Em Educação*, 18(00).
- Beni, Mario Carlos, Moesch, Marutscka (2017). A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. *Turismo: Visão e Ação*, 19(3), 430-457.
- Coutinho, Bernardo Diniz; Dulcetti, Pérola Goretti Sichero (2015). O movimento Yīn e Yáng na cosmologia da medicina chinesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 22(3), 797-811.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gastal, Susana (2005). *Turismo, Imagens e Imaginários*. São Paulo: Aleph.
- Krenak, Ailton (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maturana, Humberto (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUJpyXK9nyo>. Acesso em: 26 maio 2026.

Reichert, L., & Batista, M. L. C. (2026). Um ensaio sobre a 'escutatória autopoiética' na potencial relação entre sonoridades e ecossistemas turísticos, *18*(00), e180113.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v18ipe180113>

Maturana, Humberto; Varela, Francisco (1995). *A árvore do conhecimento*: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editorial Psy.

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização*: Do pensamento único à consciência universal. Editora Record.

SOM. In: MICHAELIS ON-LINE - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos LTDA., (2015). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Som/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

Wisnik, José Miguel (1999). *O som e o sentido*: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras.

Yázigi, Eduardo (2002). *A Alma do lugar*: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto.